

Simbiose entre Etnomatemática e a cultura Africana-Jogo MancalaAwelé em sala de aula

Eliane Costa Santos

Maria da Conceição dos Santos França

Resumo

Neste artigo apresentamos um campo profícuo de proximidade entre a educação escolar e o jogo milenar africano Mancala, na perspectiva de contribuir com a decolonialidade do saber em sala de aula. O objetivo desse artigo justifica-se pela problemática do distanciamento dos saberes da cultura africana e afro-brasileira projetada, no senso comum, em uma escala progressiva, no sistema educacional brasileiro, ao analisarmos o período de quinze anos em que institucionalizou políticas públicas de ações governamentais relacionada com esses estudos em todos os níveis educacional. Nesse sentido, vimos nos profissionais da educação, a busca de formação contínua e de produção acadêmica relativa aos temas citados, entretanto os modos, técnicas ou arte (TICA) de explicar, conhecer, entender, lidar (MATEMA), as culturas (ETNO) dos povos africanos, e/ou indígenas, ainda sofrem uma barreira, no momento em que se busca transcender à interdisciplinaridade. Dessa forma, apontamos que o estudo de caso do 5º. Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Duarte⁹ nos permite mesmo que de forma incipiente inferir que conteúdos curriculares a partir de jogos africanos, podem de alguma forma contribuir para a decolonialidade do saber. Para tanto, tomamos como base teórica AníbalQuijano (2009) colonialidade; Ki-zerbo (2013) para história da África; KabengueleMunanga (2005) história e cultura africana; Eduardo Oliveira (2003) com filosofia da ancestralidade; D'Ambrósio (1998) etnomatemática; Cunha e Pereira (2016) com jogos de Mancala. Finalizamos apresentando a experiência interdisciplinar com Mancala em sala de aula, vivenciada por uma professora do Ensino Fundamental.

Palavras chave: Jogo MancalaAwele; Etnomatemática e Cultura Africana; Interdisciplinaridade; Educação Escolar; Decolonialidade de saber.

⁹ Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF Antônio Duarte. É uma escola da Zona Leste de São Paulo que segundo dados estatísticos está localizada em zona de alta vulnerabilidade. Para publicação foi solicitado autorização da Escola.

Symbiosis between Ethnomathematics and African culture - Mancala Awele at classroom

Eliane Costa Santos

Maria da Conceição dos Santos França

Abstract

In this article I present a profitable field of proximity between school education and the Mancala - African millennium game, with the perspective of contributing to the decoloniality of knowledge in the classroom. The objective of this article is justified by the problematic of the distancing of African and Afro-Brazilian culture, projected, in common sense, on a progressive scale, in the Brazilian educational system, when analyzing the period of 15 years in which institutionalized public policies of governmental actions related to the study of African and Afro Brazilian culture at all educational levels. In this sense, we have seen in education professionals the unbridled pursuit of continuous formation and academic production related to the themes mentioned, however the ways, techniques or art (TICA) of explaining, knowing, understanding, dealing (MATEMA), cultures (ETNO) of the African peoples, and / or indigenous people, still suffer a barrier, at the moment in which one seeks to transcend to interdisciplinarity. In this way, we point out that the case study of the 5th. Year of an EMEF allows us even to insipidly infer that curriculum content from African games, can somehow contribute to the decoloniality of knowledge. For that, we take as theoretical basis Aníbal Quijano (2009) coloniality; Ki-zerbo (2013) for the history of Africa; African History and Culture of KabengueleMunanga (2005); Philosophy of the ancestry of Eduardo Oliveira (2003) Ethnomathematics of D'Ambrósio (1998); Games of Mancala with Cunha and Pereira (2016). We finished presenting the interdisciplinary experience with Mancala in the classroom, experienced by a teacher of Elementary School.

Keywords: Mancala Awele game; Ethnomathematics and African Culture; Interdisciplinarity; Schooling; Decoloniality of knowing.

Introdução

Aliada ao processo de consolidação de política pública de Educação para as relações Étnico-Raciais, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, após fortalecer um Núcleo de Educação Étnico-Racial-NEER, cria em junho de 2013 o GTP - Grupo de Trabalho Permanente: “Educação para as Relações Étnico-raciais- lei 10639/03 e 11645/08”, formado pela equipe do Núcleo de educação étnico-racial da Secretaria Municipal de Educação e por representantes das 13 Diretorias Regionais de Educação-DRE, das equipes de Divisão Pedagógica – DIPED e DICEU/ Educação Integral, que cumprem um papel central na formulação, gestão, articulação e implementação de políticas relacionadas às três áreas constitutivas na busca de uma educação que dê conta das matrizes civilizatórias: a) Africana e Afro-brasileira; b) Indígena/ povos originários; c) Imigrantes e população em situação de intinerância. Nesse sentido cria-se uma agenda de diversas formações; realiza nos anos pares o Congresso para as relações Étnico-Raciais e nos anos ímpares a Mostra Cultural agosto Indígena novembro Negro e Dezembro Imigrante; realiza em parceria com a sala de leitura o projeto Leituraço que vem construindo uma política de livros que valoriza a história e cultura africana e afro-brasileira, imigrante e indígena.

Tendo em vista os pilares da Educação para as Relações Étnico-raciais - pautado na prevenção e combate ao preconceito, discriminação, racismo - e o da descolonização da mente, dos saberes e dos currículos, o NEER desenvolve ações curriculares, de formação e gestão pedagógica a partir de uma perspectiva multi, trans e interdisciplinar, de maneira transversal e dialogadas com outros núcleos e Divisões da COPED (SME, 2016).

No escopo desse artigo traçamos um caminho de institucionalização e estruturação do mesmo na rede Municipal, onde descreveremos a implantação do curso com uma pincelada sobre política de descolonização do currículo e decolonialidade do saber tomando como aporte lúdico a contribuição do MancalaAwele na rede municipal de São Paulo; em seguida as concepções pedagógicas, histórias deste jogo e das “ticas” (técnicas); bem como o festival que aconteceu no município. Finalizando apresentamos relato de experiência de uma professora do município, ressaltando as concepções pedagógicas da “matema” (entender), a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, observando as possíveis confluências entre a “etno” (cultura) africana apontadas na experiência e a educação formal, fonte de aporte às políticas de reformulação curricular brasileira, na perspectiva de descolonizar a mente para alcançar a decolonialidade do saber do currículo.

No caminho da institucionalização da decolonialidade do saber

Estruturação do curso de MancalaAwele na Rede Municipal de Educação

O Curso de MancalaAwele, idealizado em agosto de 2015 pela coordenação do NEER em parceria com o COCEU, faz parte de um projeto epistemológico e político a partir de uma crítica ao currículo ocidental em seus postulados filosóficos de jogos, fazendo uma reflexão no contexto pedagógico sobre interculturalidade, relações étnico-raciais e educação, a Escola Duarte de Almeida foi uma das que concebeu esse projeto, implantou e desde sempre traz de uma forma séria e comprometida para seu currículo.

Mancala é um jogo cultural do continente africano no qual, inicialmente, a semeadura era feita na terra, dependendo da região com sementes do Baobá - árvore africana de patrimônio simbólico também para nós diaspóricos, ou conchas do mar para algumas outras regiões, no caso da EMEF Duarte de Almeida o jogo Mancala é o Awele, da região africana da Costa do Marfim, portanto acontece com sementes do Baobá.

Costa do Marfim Republique de Côte d'Ivoir possui duas capitais uma da sede do governo que é Abidjan e outra sede administrativa Yamoussoukro. País do continente africano, com uma diversidade cultural de mais de 60 etnias, inclusive a Alladians, a qual nos referiu adiante. Faz fronteiras com Gana (a leste), Guiné e Libéria (a oeste), Mali e Burkina Faso (ao norte), além de ser banhado pelo oceano Atlântico (ao sul). Um pouco mais de 50% da população mora na zona rural, onde o jogo Mancala é muito conhecido.

Na educação formal, o Mancala é um jogo que tem uma relação intrínseca com a epistemologia do conhecimento das manifestações ontológica e linguística quebrando os regimes que se auto elegem únicos e possíveis, dando margem a uma nova forma de pensar os conhecimentos dentro de modelos dinâmicos antagônicos aos delineados pelos que definem a unicidade dos conhecimentos em todos os espaços, inclusive na educação escolar, prefixando a colonialidade do conhecimento e a colonização do currículo. Como diz o semiólogo e teórico cultural argentino Mignolo (2005, p. 75) – “A colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada”. É por meio da colonialidade que a Europa produz as ciências humanas como modelo único na produção do conhecimento, bem como coloca à margem, deserdando todas as epistemologias que estão na “periferia do ocidente”, como os saberes e fazeres do continente africano - a exemplo desse jogo milenar.

O jogo tem uma riqueza interdisciplinar e transcultural marcante, envolvendo desde os processos com semeadura e colheita, às cosmogonias e cosmologias existentes na filosofia de cada povo africano, nas suas distintas formas de ser, que se configura com as propriedades dos diferentes nomes do Mancala.

Especificamente o MancalaAwele da Costa do Marfim concebe nas suas devidas proporções, um misto de cooperatividade - durante a semeadura nos dois campos, e competitividade- no momento da colheita no campo do adversário. Coopera-se quando se semeia, mas se ‘compete’ para ver quem colhe mais sementes. Entendamos assim todo processo das disputas africanas, os ganhos e as perdas internas dos reinados.

Na tribo dos Alladians, sempre que um rei morre, é escolhido o sucessor num torneio de MancalaAwele, privilegiando o nível de inteligência desse novo rei. Para além da ludicidade, o MancalaAwele na Educação Municipal de São Paulo, tem com o trato:

1) da Educação para as Relações Étnico-Raciais- busca de decolonialidade dos saberes hegemônicos; 2) do ponto de vista sociológico - a interação fisiológica e motora dos diferentes aspectos que os jogos atingem na vida da criança, do jovem e do adulto; 3) do cumprimento de regras- como um fator de responsabilidade que reflete em todas as fases da vida do ser humano. 4) do olhar interdisciplinar - a contribuição com o desenvolvimento em diversas áreas do conhecimento e as estratégias criadas e; 5) das experiências vividas nas escolas- a intersecção da cooperatividade e a competitividade durante o jogo.

A experiência na EMEF Antonio Duarte se dá, antes da formação no município, como metodologia para introduzir história e cultura africana em sala de aula. Após o curso de 2015 a professora começou a trabalhar no viés da interdisciplinaridade.

Dentre vários projetos que a Escola oferece, existe o de Mancala que eles se inscrevem a partir de uma plataforma. Hoje na EMEF tem oito turmas de Mancala, no qual estudantes escolhem dia e horário, inclusive há existem mães que estão participando porque querem aprender para jogar com o filho em casa.

Existe um cronograma, no qual se inicia com as rodas de conversas para levantamento de saberes e fazeres locais e do continente africano. Em seguida é preparado as sequências didáticas que servirão para ampliar os conhecimentos sobre o continente por meio de filmes, documentários, atividades e pesquisa online e com as famílias, músicas, palestras, leituras por meios de paradidáticos e documentos oficiais bem como visita a espaços culturais, a exemplo do museu afro e mostras no Banco do Brasil e SESC.

Temos como metodologia a dialogicidade em torno da teoria-prática, com construção conjunta e interação constante. E como subsidio teórico fizemos uma trilha de saber sem nenhuma ordem de prioridade: AníbalQuijano (2009) discutindo colonialidade e decolonidade do saber; Ki-zerbo(2013) trazendo a história da África a partir dos africanos; KabengueleMunanga (2005) nos traz um pouco das diversas culturas africana; Eduardo Oliveira (2003) discutimos a partir dele acerca da filosofia da cosmovisão e cosmogonia africana Etnomatemática de D'Ambrósio(1998) que nos fala sobre a matemática a partir de cada cultura com um olhar a partir das significâncias existentes em cada saber fazer e por fim os Jogos de Mancala com Cunha e Pereira(2016).

A segunda etapa é dedicada ao conhecimento do tabuleiro; às regras dos jogos e o conhecimento das diversas sementes que fazem parte das peças do jogo.

Vale ressaltar a riqueza culturalmente falando, existente nessa unidade escolar da periferia de São Paulo – São povos andinos (colombianos, bolivianos e chilenos), africanos (congolês, guineenses, angolanos, nigerianos) e os brasileiros de diversas partes do país

(baianos, mineiros, paulistas, sergipanas, pernambucanas), entre tantas outras. Que permite um momento ímpar de diálogo formado entre autores, em consonância com a vida e cultura deles, a pergunta que nos move está em como esses autores podem contribuir com meu saber fazer e a relação dos conteúdos com os tabuleiros de Mancala.

Em seguida é a etapa de construção dos tabuleiros, com materiais recicláveis, num diálogo acerca dos materiais que estão sendo usados e uma correlação com as diversas áreas do conhecimento. O pano central dessa proposta está delineado no pressuposto de aproximação/visibilidade de uma das culturas da África com a/ou na diáspora por meio do Currículo reafirmado no lúdico. Segundo Antônio (2015, p. 125-126)

o currículo é uma dimensão espacial e, dentro desses limites, os currículos dos lugares e os currículos estabilizados e expandidos pelos movimentos sociais negros e pelos sistemas culturais negro-africanos são a materialização e ou revanches/refutações aos currículos esquizofrênicos, aqueles que negam os lugares e as realidades étnico-raciais e africanas.

Esse projeto, como a própria base da cosmovisão africana nos aponta, foi planejado na estrutura circular; um aprende do que foi ensinado pelo outro que aprende ensinando a um.

Podemos colher resultados positivos à medida que os alunos vão participando é perceptível uma maior integração entre estes, relação de respeito e amizade fortalecida; uma modificação do olhar das crianças sobre si e sobre sua identidade de modo positivo; melhora no desenvolvimento cognitivo, uma mostra disso foram os resultados obtidos nas avaliações externas consonantes às Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas - OBMEP.

Esse projeto desde 2015 foi implantado em todas as escolas do município, e, 2016, foi realizado o primeiro festival¹⁰ do município com 880 estudantes jogando Mancala.

Na verdade, o Brasil nos oferece a estranha imagem de um país de identidade inconclusa, já que, ao longo da história de nossa formação, continuamos a nos perguntar a todo o momento sobre quem somos, e assim, o brasileiro, por falta de conhecer melhor a sua história, acaba por não ter condições de se identificar consigo mesmo. Na verdade, na escola é negado ao estudante o conhecimento de uma história que efetivamente incorporasse a contribuição dos diferentes estoques étnicos à formação de nossas identidades, com o agravante de que a história parcial ali apresentada com exclusiva é a dos vencedores, dos colonizadores [...]. (MOURA, 2005, p. 78).

A partir de 2018 está sendo organizado um festival regional dividido entre as Diretorias Regionais de Educação para selecionar os que irão para o Festival Municipal em agosto. Para a fase municipal a Secretaria municipal de Educação definiu que iriam 60 estudantes por cada diretoria, dividida em quatro ciclos: Alfabetização (1º. Ao 3º. Ano);

¹⁰ Todas as fotos aqui contidas possuem autorização de direito de uso de imagem para fins didático-pedagógicos

interdisciplinar (4º ao 7º. Ano), autoral (8ª. e 9º. Ano) e o de Educação para Jovens e Adultos-EJA. Em todas as modalidades estão incluídos os alunos com necessidades especiais, inclusive de mobilidade física.

Pela quantidade significativa de estudantes participando do festival e por questões metodológicas de intermediar as faixas etárias, a equipe organizadora do município divide o torneio em dois dias consecutivos - o primeiro dia o ciclo de alfabetização e autoral, e o segundo dia o ciclo interdisciplinar e EJA.

Cada Diretoria Regional de Educação-DRE, tem um período para selecionar 60 (sessenta) estudantes para ir ao festival municipal, dessa forma é realizado o festival regional. Na DRE de Itaquera, a qual a escola EMEF Duarte de Almeida faz parte o festival regional aconteceu em abril 2018. Dos 270 alunos que participam 70 (setenta alunos) foram da EMEF Antônio Duarte de Almeida sendo classificadas 24 para as 60 vagas garantidas por cada diretoria de ensino, ou seja, estão ocupando 40 % do total das vagas.

É válido sublinhar que nas nossas discussões em sala podemos pautar acerca das atitudes ao ver os resultados dos ganhadores para que não se inclinasse a superestimação do que foi observado, nem a de não perceber a realidade do que estava ali exposto. Portanto, pautamos a real diversidade de uma educação nos moldes da equidade, pela possibilidade de todos que participaram receberem medalhas de participação, e os 15 primeiros de cada ciclo receberam medalha de classificação para participar do festival municipal.

Outra relevância nesse festival é a demonstração do engajamento dos professores na proposta do curso - além do jogar, busca no espaço, a sinergia com a cultura africana, os pressupostos da cosmologia africana. Portanto há uma ambiência africana, as músicas nos intervalos entre uma partida também e na cultura de algum dos países e as mesas são cobertas com um Manto (tecidos africanos).

Das Concepções pedagógicas e históricas da MATEMA dos jogos...

Os “jogos” no ensino-aprendizado foram introduzidos desde o século XIX preconizando a pedagogia da ação - a criança não deve apenas olhar e escutar, mas agir e produzir. Nesse sentido, enriquecendo os esquemas perceptivos (visuais, auditivos e sinestésicos) e os operativos (representação, análise, memória, imaginação, lateralidade) que combinados com o psicomotor contribuem definitivamente no ensino-aprendizado. O lúdico na educação formal é uma ação de extrema responsabilidade do educador com o educando, visto que, aciona troca de diversos esquemas sensorio-motor: se divertem mobilizando o cognitivo, a corporeidade, a sociabilidade, em outras palavras, aprende brincando, trocando experiências, desafiando e interagindo. As crianças durante um jogo constroem e reconstróem sua compreensão de mundo. Amadurecem algumas capacidades de socialização por meio da experimentação de regras e papéis sociais (SANTOS 2013).

Figura 1 - Mancala



Foto: Arquivo pessoal da autora

O Jogo Mancala em específico, além do valor histórico e cultural, contribui no desenvolvimento do raciocínio, por conta da complexidade e capacidade de fomentação de operações lógicas. Por outro viés coopera no desenvolvimento da capacidade de exploração e troca, de testar hipóteses, exercitar a concentração, construir identidade. É um jogo que contribui na utilização da potencialidade de uma maneira integral, relacionando o cotidiano numa troca contínua – contribui na aprendizagem do respeito às regras, limites e espaços do outro, com um senso de cooperatividade, mesmo durante uma contenda, a exemplo de não poder deixar o outro sem nenhuma semente.

No continente africano, de uma forma filosófica, os jogos de tabuleiro têm como base a estratégia e a cooperatividade. Esse jogo permeia princípios da circularidade e ancestralidade que muitas das vezes são transmitidas milenarmente, de geração para geração, através da oralidade, o que justifica alguns jogos da família Mancala manterem preservada a estrutura inicial, e outros serem modificados.

Mancala se origina da palavra árabe “nagaala”, que significa “mover”. A prática está relacionada a semear, germinar a semente na terra, desenvolver e colher. Nas várias versões, alguns pesquisadores citam o surgimento no Egito há 3.500 e 4.000 anos sendo jogados pelos faraós, outros pesquisadores apontam o surgimento na Etiópia há sete mil anos. O que é indiscutível é a milenaridade desse jogo e a preservação através da oralidade.

São diversas versões dessa família e com nomes e regras de acordo com as regiões em que são jogados, tendo a similaridade do semear e colher. Hoje é jogado no geral com pedras e/ou sementes em tabuleiros, mas já foi jogado até com barra de ouro na região de Ghana. Entre tantas outras versões, temos ADI no Benim ex-Daomé; AYÓ na Nigéria; ANDOT no Sudão; AWELE, na Costa do Marfim; AWARE, em Burkina; ex-Alto Volta; BAULÉ, na Costa do Marfim, Filipinas e Ilhas Sonda; OWARE em Gana, jogado pelos povos

ashanti; OURI em Cabo Verde; KALAH na Argélia; WARI, no Sudão, Gâmbia, Senegal e Haiti. No Curso tratamos do MancalaAwele.

Os jogos da família Mancala são notadamente relacionados às atividades de plantio. No geral é um jogo com movimentação de semeadura no seu campo e no campo do adversário, a colheita varia muito, para alguns é feita no campo do adversário, para outros no próprio campo. Para uns colhe com duas ou três sementes, para outros quando tiver uma. Em qualquer tipo é demarcado que não é um jogo de sorte, mas sim um jogo de exclusiva estratégia e raciocínio lógico, observe a partir das regras.

O aspecto da “Matema” aqui direcionado a “Etno” Cultural do Mancala, compreende as técnicas que mobilizam ações motrizes, pensamentos e sentimentos, cosmologia e cosmogonia da cultura da Costa do Marfim. Ante a essa explicação partiremos para as “Ticas” sem a preocupação de nos deter à nenhuma didática específica.

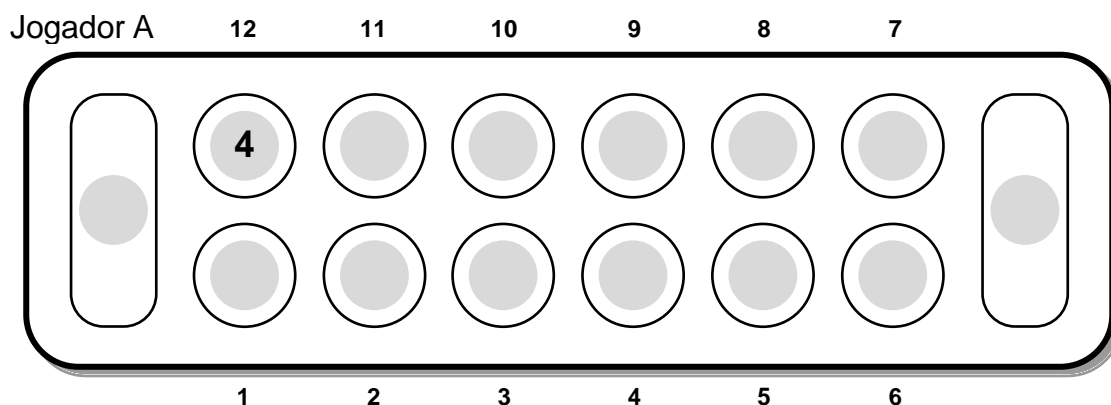
... as TICAS básicas de uma ETNO da Costa do Marfim - MancalaAwelé

O jogo Mancala é realizado em dupla (Jogador A e Jogador B). O tabuleiro possui duas cavidades extremas – reservatórios, sempre a direita do jogador, e doze cavidades centrais – covas- com seis para o jogador A e seis para o jogador B.

Preparação das covas: Antes de iniciar o jogo é depositado quatro sementes em cada uma das doze covas.

Início da partida: Usa-se um critério aleatório para ver qual jogador inicia a semeadura (exemplo: par ou ímpar). Após a escolha de quem vai sair primeiro as pessoas se cumprimentam com aperto de mão, desejando uma à outra boa semeadura e boa colheita.

Figura 2 – Tabuleiro Mancala



Fonte: Produção própria

Desenvolvimento da partida – semeadura: Um dos jogadores retira todas as sementes de uma das covas no seu lado, distribui sequencialmente e em sentido anti-horário, tanto nas próprias covas, quanto, se preciso, nas covas do adversário. Em seguida o outro jogador, escolhe também qualquer uma cova do seu próprio lado, retira as sementes e distribui sequencialmente nas covas seguintes, como fez o primeiro jogador... assim vão se alternando, numa observação contínua de qual melhor cova para contribuir com a própria colheita de sementes e na perspectiva de não dar espaço para o outro fazer colheita. Cada jogador controla as seis covas do seu lado, pois são nessas covas que o outro jogador irá colher/capturar.

Colheita /captura de sementes: A colheita/captura de semente só pode acontecer no momento que o jogador estiver semeando, e sua última semente for em uma cova do adversário que já contenha uma ou duas sementes, formando duas ou três sementes nessa cova. Esta captura pode ser única ou sequencial. Para esse momento acontecer é preciso usar de estratégias, para saber qual cova é a melhor para retirar as sementes para serem semeadas. Um jogador não pode deixar o outro sem sementes. Nesse caso, vale uma jogada forçada para deixar semente para o outro jogador. Não é permitido jogar duas vezes sucessivamente.

Final de partida: A quantidade total de sementes do tabuleiro são 48. No Mancala AWELE o jogo pode terminar, em um dos casos: -Quando um dos jogadores primeiro colher/capturar no mínimo a metade e mais umas sementes -vinte e cinco; -Quando no tabuleiro estiver apenas duas sementes.

Considerações finais

Pensar na decolonialidade do saber tendo como mediação o projeto dos Jogos Mancala nos permite observar nas crianças a absorção dos conhecimentos filosóficos africanos, convergindo com os conceitos de Etnomatemática, Semiótica, colonialidade/modernidade do saber, partes integrantes do diálogo, para entender a contribuição do jogo de tabuleiro Mancala enquanto uma ferramenta mediadora, que pode nos levar à discussão acerca da Cosmovisão africana sem cair no essencialismo buscando a pluralidade na oralidade e circularidade.

Além dos resultados apresentados na EMEF Antônio Duarte, a formação com os jogos Mancala tem nos permitido inferir nas diversas instancias educacionais a possibilidade de este contribuir com conteúdo formal do currículo em diversas áreas do conhecimento, entre outras, podemos citar:

a) Educação Matemática: geometria; sequência; equação e inequação; sistema de numeração decimal; estratégia; valor posicional; localização e espacialidade; numeração; operações básicas (soma, subtração e divisão) e grandeza com visão da etnomatemática respeitando as diversas culturas.

b) Ciências da Natureza: plantio e colheita; origem das sementes; codificação na genética; terra; covas.

c) Língua Portuguesa: as histórias, lendas e contos, os significados e significância das palavras segundo a semiótica.

d) História / Geografia: História local dos países justifica-se essa preocupação visto que, a problemática do distanciamento dos saberes da cultura africana e afro brasileira se projeta numa escala progressiva, localização e espacialidade; culturas; rodas de capoeira, de candomblé, do jongo.

Sem falar da interação que é delineada pela relação continua durante o projeto e o interesse em conhecer a diversidade cultural existente na escola contribuindo para diminuir a lacuna que se projeta na educação. Aqui não apontamos os pontos negativos, ou contraditórios, a exemplo de não atendermos todas as crianças que pretendem participar do projeto, por questões de logísticas, do espaço de deslocamento, de organização familiar e tantos outros que ocorrem durante a realização do projeto, por conta dos positivos que superam e dão conta dos objetivos propostos, entretanto, temos ciência e vamos dia após dia, buscando suprir para dar conta desses estudantes que vivem em espaço territorial de alta vulnerabilidade social e econômica a qual está localizada a EMEF Antônio Duarte.

Referência Bibliográfica

- ANTONIO, C.F..**Descolonização dos Currículos \escolares**. In: **Abordagens políticas, históricas e pedagógicas de igualdade racial no Brasil**. E-Book. Org. SILVA, Geranilde Costa; LIMA, Ivan Costa; MEIJER, Rebeca Alcantara da Silva. Fortaleza: UNILAB, 2015.
- CAVALLEIRO, E. Introdução. In: **BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática- Arte ou técnica de explicar e conhecer**. 5ª ed. Editora Ática. Série Fundamento. 1998.
- KI-ZERBO, J. **História Geral da Africa**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013
- MACEDO, L de; PETTY, A L S; PASSOS, N. C. **Aprender com Jogos e Situações- Problemas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MOURA, G. **O Direito à Diferença**. In: **Superando o Racismo na escola**.Org. MUNANGA, Kabengele 2ª edição, 2005.

- OLIVEIRA, D. E. de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.
- SANTOS, E. C. **Para além dos números... África e africanidade na formação contínua de professores: enfoque etnomatemático para uma reorientação educacional**. Tese doutoramento defendida na Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.
- SÃO PAULO. **Iniciação ao Jogo MancalaAwele**. Disponível em <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/Iniciacao-ao-Jogo-Mancala-Awele>. 2016. Acesso em 26 de julho de 2016.

Biografia Resumida

Eliane Costa Santos - Docente do IHL, curso de Pedagogia, Unilab, coordenadora do GIEPEM- Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática da Unilab. Membro do Gepem – Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática USP. Chefia do SEPIR–Setor de Promoção da Igualdade Racial.

Contato: elianecostasantos@unilab.edu.br

Maria da Conceição dos Santos França - Docente da Escola Municipal Antônio Duarte de Almeida. Mestra em Educação Matemática com Pesquisa em Etnomatemática. Membro do GIEPEM.

Contato: msantsfranca@gmail.com